

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas

Josiene Alves Santos

**A ARTE NA ESCOLA COMO FERRAMENTA DE EXPRESSÃO E VALORIZAÇÃO
DA IDENTIDADE CULTURAL**

Belo Horizonte

2025

Josiene Alves Santos

**A ARTE NO AMBIENTE ESCOLAR COMO FERRAMENTA DE EXPRESSÃO E
VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL**

Monografia de especialização em formato de artigo científico apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes - PPG-Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador Prof. Me. Artur Luiz De Souza
Maciel

Belo Horizonte
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ATA DA DEFESA DO TRABALHO FINAL DE JOSIENE ALVES SANTOS

Nº. DE REGISTRO: 2023732780

Às dezenove horas e trinta minutos do dia seis do mês de agosto de dois mil e vinte e cinco, reuniu-se remotamente, por meio de mídias digitais, a Banca Examinadora indicada pela Coordenadora do **CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS E TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS - CEEAV**, do Programa de Pós Graduação em Artes – PPG Artes, da Escola de Belas Artes – EBA da UFMG, constituída pelo Prof. Me. Artur Luiz de Souza Maciel (Orientador/CEEAV/PPG Artes/EBA/UFMG) e pela Profa. Ma. Ivana Rocha (Membro da Banca Examinadora/ CEEAV/PPG Artes/EBA/UFMG), para julgar o trabalho final intitulado “**A ARTE NA ESCOLA COMO FERRAMENTA DE EXPRESSÃO E VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL**”, requisito parcial para a obtenção do Grau de **ESPECIALISTA EM ENSINO DE ARTES VISUAIS E TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS**.

Abrindo a sessão, o Orientador Professor Prof. Me. Artur Luiz de Souza Maciel, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final de Curso, passou à palavra à estudante, para a apresentação de seu trabalho.

Seguiu-se a arguição pela Banca Examinadora, com a respectiva defesa do estudante. Logo após, a Banca Examinadora reuniu-se, sem a presença da estudante e do público, para julgamento e expedição do resultado final.

Pelas indicações o estudante foi considerada **APROVADA**.

Prof. Me. Artur Luiz de Souza Maciel (Orientador/CEEAV/PPG Artes/EBA/UFMG) – **70,0**

Profa. Ma. Ivana Rocha (Membro da Banca Examinadora/ CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG) – **80,0**

Conceito Final: **B**

Nota: **75,0**

Considerações finais da banca examinadora:

A aluna traz um relato importante de suas aulas e de como sua atividade docente contribui para a redução de preconceitos.

A Banca destaca a necessidade de realizar modificações no texto para a entrega final do trabalho.

O resultado foi comunicado publicamente ao estudante pela Banca Examinadora. Nada mais havendo a tratar Orientador Professor Prof. Me. Artur Luiz de Souza Maciel encerrou e lavrou a presente ATA, que será assinada digitalmente por todos os membros participantes da Banca Examinadora.

A Coordenação CEEAV comunica que a estudante terá até **30 (trinta) dias** para apresentar o trabalho corrigido/ versão final, a partir da data de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso.

Belo Horizonte, 06 de agosto de 2025.

Prof. Me. Artur Luiz de Souza Maciel (Orientador/CEEAV/PPG Artes/EBA/UFMG)

Profa. Ma. Ivana Rocha (Membro da Banca Examinadora/ CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG)

Profa. Dra. Camila Rodrigues Moreira Cruz (Coordenadora CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG)



Documento assinado eletronicamente por **Ivana Rocha, Usuária Externa**, em 23/09/2025, às 13:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Artur Luiz de Souza Maciel, Usuário Externo**, em 23/09/2025, às 16:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4452177** e o código CRC **4ED106C9**.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

NOME: **JOSIENE ALVES SANTOS**, Nº. DE REGISTRO: **2023732780**

TRABALHO FINAL: “**A ARTE NA ESCOLA COMO FERRAMENTA DE EXPRESSÃO E VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL**”.

Trabalho de Conclusão da Especialização apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, do Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

APROVADO em 06 de agosto de 2025, pela Banca Examinadora constituída pelos Membros:

Prof. Me. Artur Luiz de Souza Maciel (Orientador/CEEAV/PPG Artes/EBA/UFMG)

Profa. Ma. Ivana Rocha (Membro da Banca Examinadora/ CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG)



Documento assinado eletronicamente por **Ivana Rocha, Usuária Externa**, em 23/09/2025, às 13:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Artur Luiz de Souza Maciel, Usuário Externo**, em 23/09/2025, às 16:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4452226** e o código CRC **DFD78E4D**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me concedido força, sabedoria e serenidade ao longo de toda a jornada acadêmica.

À minha família, minha base e principal apoio, expresso minha profunda gratidão pelo amor, incentivo e suporte incondicional em todos os momentos.

Aos meus colegas de curso, agradeço pela colaboração, companheirismo e contribuições valiosas que tornaram possível a superação dos desafios e a conclusão desta etapa.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para essa conquista, meu sincero muito obrigado.

“Faça o teu melhor na condição que você tem, enquanto você não tem condições melhores para fazer melhor ainda!”

Mario Sergio Cortella

RESUMO

Este trabalho investiga o papel da arte no espaço escolar, enfatizando sua relevância como ferramenta para o desenvolvimento da criatividade, das transversalidades curriculares e das relações afetivas no processo de ensino e aprendizagem. Ao considerar a arte como linguagem expressiva, compreende-se sua capacidade de ampliar horizontes cognitivos, emocionais e sociais dos estudantes, promovendo uma educação mais sensível e humanizadora. A pesquisa, de caráter qualitativo, fundamenta-se em referenciais teóricos de autores como Ana Mae Barbosa (2007, 2010), Paulo Freire (1996) e Vygotsky (2007), além de relatos de experiências escolares. Os resultados apontam que práticas pedagógicas artísticas, quando orientadas pelo afeto e pela valorização das múltiplas inteligências, fortalecem vínculos entre educadores e educandos, além de potencializar o protagonismo estudantil. Conclui-se que a inserção da arte de forma transversal contribui significativamente para a formação integral do sujeito, criando ambientes mais colaborativos, críticos e empáticos. A arte, neste contexto, ultrapassa a função meramente ilustrativa ou decorativa, assumindo papel ativo na construção de saberes e no fortalecimento das relações humanas no cotidiano escolar.

Palavras-chave: arte na escola; criatividade; expressão; afeto.

ABSTRACT

This study investigates the role of art in the school environment, highlighting its relevance as a tool for developing creativity, cross-curricular practices, and affective relationships in the teaching and learning process. By considering art as an expressive language, it is understood to have the power to broaden students' cognitive, emotional, and social horizons, promoting a more sensitive and humanized education. The qualitative research is grounded in theoretical frameworks from authors such as Ana Mae Barbosa, Paulo Freire, and Vygotsky, as well as reports of school-based experiences. The results indicate that artistic pedagogical practices guided by affection and the appreciation of multiple intelligences strengthen bonds between educators and students and enhance student protagonism. It is concluded that the transversal integration of art significantly contributes to the integral formation of the subject, creating more collaborative, critical, and empathetic learning environments. In this context, art goes beyond a merely illustrative or decorative function, assuming an active role in knowledge construction and the strengthening of human relationships within school life.

Keywords: art in school; creativity; expression; affection.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imagem feita por aluno na semana da Consciência Negra.	21
Figura 2 – Imagem criada por aluno na semana da Consciência Negra.....	24
Figura 3 – Autorretrato I “o que têm em sua mente”.....	25
Figura 4 – Autorretrato II “o que têm em sua mente”.....	26
Figura 5 – Autorretrato III “o que têm em sua mente”.....	27
Figura 6 – Autorretrato IV “o que têm em sua mente”.....	28
Figura 7 – Autorretrato V e VI “o que têm em sua mente”.....	29
Figura 8 – Autorretrato VII “o que têm em sua mente”.....	30
Figura 9 - Aula de pintura em sala de aula comum.....	32
Figura 10 –Aula de pintura em sala de aula comum.....	33

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. HISTÓRICO DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL.....	13
1. APRECIÇÃO.....	15
2. CONTEXTUALIZAÇÃO	16
3. PRODUÇÃO	16
3. A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO FÍSICO PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE ARTES	18
4. VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS E RESPEITO ÀS CULTURAS	20
5. A ARTE COMO LINGUAGEM E EXPRESSÃO NO ESPAÇO ESCOLAR.....	22
6. A ARTE COMO FORMA DE EXPRESSÃO SINGULAR.....	28
7.A ESCUTA SENSÍVEL E O RESPEITO ÀS EMOÇÕES DOS ALUNOS	30
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

A arte, historicamente presente nas mais diversas culturas humanas, tem ocupado diferentes papéis dentro do espaço escolar, muitas vezes sendo tratada como uma atividade secundária, de caráter meramente lúdico ou decorativo. No entanto, sua presença na educação formal carrega um potencial transformador que vai além da técnica ou da estética: ela é um campo fértil para o desenvolvimento da criatividade, da expressão subjetiva, da leitura crítica de mundo e da construção de vínculos afetivos no processo de ensino e aprendizagem.

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a importância da arte no ambiente escolar como prática pedagógica significativa, destacando sua capacidade de integrar saberes e promover relações mais humanas e sensíveis entre educadores e educandos. Considera-se que a arte, quando trabalhada de maneira intencional e contextualizada, atua como linguagem expressiva que amplia a escuta, a empatia e o pensamento crítico dos alunos.

Além disso, discute o papel do afeto como elemento estruturante da prática docente em arte, visto que a aprendizagem significativa não ocorre apenas pela transmissão de conteúdo, mas pela mediação sensível e pelo reconhecimento das emoções, histórias e repertórios culturais dos estudantes.

A pesquisa é de natureza qualitativa, com base em revisão bibliográfica de autores como Ana Mae Barbosa, Paulo Freire, Lev Vygotsky e outros estudiosos da arte-educação. Complementando a fundamentação teórica, foram incluídos relatos de práticas pedagógicas observadas durante aulas de Arte em uma escola pública localizada em Cabo Verde, Minas Gerais. As observações permitiram analisar de forma concreta como a disciplina de Arte contribui para o desenvolvimento expressivo dos alunos, além de evidenciar a importância da valorização da diversidade cultural dentro do ambiente escolar. Por meio das experiências vivenciadas, foi possível perceber que a Arte, quando reconhecida como elemento central no processo educativo, favorece a construção de uma escola mais criativa, democrática, efetiva e inclusiva.

2. HISTÓRICO DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL

A disciplina de Arte foi oficialmente inserida no currículo escolar brasileiro em 1971, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que regulamenta todo o sistema de ensino do país. Apesar de seu reconhecimento legal como componente essencial para o desenvolvimento dos estudantes, sua efetivação prática nas escolas ficou muito aquém

do ideal.

A ausência de um currículo estruturado dificulta a prática pedagógica no ensino de Arte, onde as atividades envolvem diferentes linguagens, como artes plásticas, artes cênicas e música (BRASIL, MEC, 1997, p. 24). Nesse contexto, exigia-se do docente uma atuação polivalente. No entanto, essa exigência se tornava ainda mais problemática, uma vez que muitos professores não possuíam formação adequada para lidar com a diversidade das linguagens artísticas, sendo comum a falta de formação superior específica na área de Arte.

Ferraz e Fusari (2001) apontam que esse distanciamento entre teoria e prática se deve, em grande parte, à escassez de docentes qualificados para atuar na área. Além disso, o sistema público de ensino não oferecia programas voltados à formação específica desses professores.

A ausência de um currículo estruturado contribuiu para os obstáculos enfrentados na aplicação do ensino de Arte. As atividades pedagógicas incluíam diversas expressões artísticas — como artes visuais, música e teatro — exigindo dos docentes uma atuação multifacetada. No entanto, essa exigência de polivalência contrastava com a realidade da formação dos professores, a maioria dos quais não possuía preparo adequado ou sequer formação superior na área artística.

Segundo Martins (1998, p.41)

Os professores de desenho, música trabalhos manuais, canto coral e artes aplicadas, que vinham atuando segundo os conhecimentos específicos de suas linguagens, viram esses saberes repentinamente transformados em “meras atividades artísticas”.

Essa desvalorização dos conhecimentos específicos das diferentes linguagens artísticas resultou em uma prática pedagógica fragilizada, muitas vezes reduzida a atividades recreativas, sem aprofundamento estético ou formativo. Assim, o ensino de Arte nas escolas brasileiras, fica marcado por improvisações, falta de reconhecimento profissional e ausência de políticas públicas eficazes para sua consolidação. Esse contexto histórico evidencia a necessidade contínua de investir na formação docente e na construção de currículos que valorizem a Arte como componente essencial da educação integral.

Com o objetivo de atender às diretrizes da LDB 5.692/71, o governo promoveu cursos de formação para os professores da educação básica. Essa iniciativa buscava capacitar os educadores para atuarem de acordo com as exigências legais, conforme aponta o Parecer do MEC nº 540/77.

[...] as escolas deverão contar com professores de Educação Artística, preferencialmente polivalente no primeiro grau. Mas o trabalho deve-se desenvolver sempre que possível por atividades sem qualquer preocupação seletiva

Apesar da formação oferecida, ela foi superficial e insuficiente para preparar os professores para a complexidade das diferentes linguagens artísticas. Entre as décadas de 1970 e 1980, a exigência da polivalência docente comprometeu a qualidade do ensino, resultando em uma abordagem ampla e pouco aprofundada da Educação Artística.

Com a introdução do livro didático, buscou-se melhorar o ensino de Arte nas escolas, especialmente a partir do final da década de 1980, quando seu uso se tornou mais recorrente. Esse material passou a ser utilizado como um modelo a ser seguido, guiando a prática docente de forma padronizada.

Segundo Aguiar (1980), os livros adotados nessa época tinham como principal finalidade tornar o ensino mais prático e acessível. Até então, as aulas de Arte eram predominantemente teóricas, mas, com esse novo recurso, foi promovida uma tentativa de aproximar o conteúdo da vivência prática dos alunos, incentivando uma abordagem mais aplicada.

Você poderá perceber que no livro não há história das artes, nem teoria musical, nem geometria... Isso porque estamos mais interessados na formação do que na informação. Ou seja, estamos mais interessados na vivência do aluno do que na teorização (Aguiar, 1980 p.4).

É importante destacar que o livro didático, embora contribua para o ensino de Arte, não deve ser considerado como a única ferramenta de trabalho. Ele representa apenas um dos recursos disponíveis ao professor, que deve utilizá-lo de forma complementar, explorando outras abordagens e estratégias que ampliem as possibilidades pedagógicas na área artística.

Uma das figuras mais influentes no movimento da arte-educação foi a pesquisadora Ana Mae Barbosa. No final dos anos 1980, ela desenvolveu importantes estudos na área e propôs a chamada “Abordagem Triangular”, com o objetivo de estruturar o ensino de Arte a partir de três eixos fundamentais: apreciação, contextualização e produção.

1. APRECIÇÃO

Esse eixo tem como foco a observação e a leitura de obras de arte. O aluno é incentivado a desenvolver um olhar sensível e crítico, reconhecendo elementos visuais, estilos,

técnicas e intenções presentes nas produções artísticas. A apreciação permite que o estudante vá além do simples "gostar" ou "não gostar", promovendo uma análise mais profunda das obras.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

Neste eixo, busca-se relacionar a arte com o tempo, o espaço e os contextos culturais, sociais, políticos e históricos em que foi produzida. O estudante é levado a compreender que toda produção artística é resultado de um determinado momento e influências, ampliando sua visão de mundo e sua consciência crítica.

3. PRODUÇÃO

A produção envolve a criação artística por parte do aluno. É o momento de expressar ideias, sentimentos e percepções por meio de diferentes linguagens artísticas, como desenho, pintura, escultura, colagem, música ou teatro. A prática não é vista apenas como execução técnica, mas como uma forma de construção de sentido e identidade.

A proposta da arte-educação se distingue significativamente da simples formação de artistas. Seu principal objetivo não é formar profissionais da arte, mas sim promover o desenvolvimento de competências que possibilitem aos alunos exercerem sua cidadania de forma plena. Isso inclui estimular a percepção crítica e a reflexão sobre as diferentes manifestações artísticas presentes na sociedade.

Em 1997, a Secretaria de Ensino Fundamental do MEC lançou os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (PCNs/Arte), com orientações pedagógicas voltadas ao ensino público. Embora não proponham uma metodologia específica, os PCNs buscam promover a autonomia de alunos e professores, contribuindo significativamente para a valorização da Arte na educação. Os PCNs reconhecem a Arte como um campo de conhecimento tão relevante quanto os demais, destacando a importância da aprendizagem por meio da definição de objetivos, conteúdos, critérios de avaliação e orientações didáticas. O documento destaca que o ensino dessa disciplina pode favorecer:

A educação em Arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e

coletivas de distintas culturas e épocas. (BRASIL, 1997, p.15)

O documento não estabelece uma metodologia específica, mas oferece orientações pedagógicas que servem de referência para o planejamento do professor, apoiando sua prática docente de forma autônoma e reflexiva. A proposta dos PCNs valoriza as práticas de apreciar, produzir e contextualizar, com o objetivo de garantir um ensino de Arte de qualidade, que desenvolva a sensibilidade, criatividade, expressão e pensamento crítico dos alunos. Além disso, incentiva o trabalho com diferentes linguagens artísticas — como artes visuais, música, teatro e dança — promovendo uma educação estética e culturalmente significativa. Ao estruturar objetivos, conteúdos e critérios de avaliação, os PCNs reforçam o papel do professor como mediador do conhecimento artístico e agente de transformação no ambiente escolar.

Nos anos mais recentes, importantes avanços foram registrados no campo da Arte na educação básica. A implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017, representou um marco ao estabelecer diretrizes claras para o ensino de Arte em todas as etapas da educação básica, reforçando a obrigatoriedade de abordar as quatro linguagens artísticas: artes visuais, música, dança e teatro. A BNCC propõe uma formação mais ampla, que estimula o pensamento crítico, a criatividade e a valorização da diversidade cultural brasileira.

Com o Novo Ensino Médio, a disciplina de Arte passou a integrar a área de Linguagens, podendo também ser ofertada nos itinerários formativos. Isso possibilita aos estudantes aprofundarem seus conhecimentos em práticas artísticas específicas, conforme seus interesses, o que reforça o papel da Arte como espaço de expressão, identidade e construção de sentido.

Além das mudanças curriculares, destacam-se também políticas públicas voltadas à democratização do acesso à formação artística. Um exemplo é o Programa Nacional de Escolas Livres de Formação em Arte e Cultura¹, instituído em 2025 pelo Ministério da Cultura, que fortalece a oferta de cursos gratuitos em diversas linguagens artísticas por meio de parcerias com instituições da sociedade civil.

Apesar desses avanços, ainda persistem desafios significativos, principalmente no que

¹ Programa Nacional de Escolas Livres de Formação em Arte e Cultura, instituído em 2025 pelo Ministério da Cultura, que promove cursos gratuitos em diversas linguagens artísticas por meio de parcerias com instituições da sociedade civil. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/programa-nacional-de-escolas-livres-de-formacao-em-arte-e-cultura-e-instituido-documento-estabelece-diretrizes-e-atribuicoes>.

diz respeito à formação continuada dos professores de Arte. Muitos profissionais da área ainda não possuem formação específica ou recursos didáticos adequados, o que limita o pleno desenvolvimento das propostas curriculares. Nesse contexto, torna-se fundamental investir na valorização docente e na ampliação de oportunidades de formação, garantindo que o ensino de Arte seja, de fato, significativo, inclusivo e transformador.

Em síntese, o ensino de Arte nas escolas brasileiras percorreu um caminho marcado por lutas, resistências e avanços. De uma prática muitas vezes marginalizada, passou a ser reconhecida como parte essencial da formação humana e cidadã. O cenário atual aponta para um futuro mais promissor, no qual a Arte possa ocupar um lugar de destaque no processo educativo, contribuindo para o desenvolvimento sensível, crítico e criativo dos estudantes.

3. A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO FÍSICO PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE ARTES

A ausência de um espaço físico adequado para o desenvolvimento das aulas de Arte é uma realidade que ainda persiste em muitas escolas públicas brasileiras, e isso representa um desafio significativo para a efetivação de práticas pedagógicas que valorizem a expressividade, a experimentação e o fazer artístico. Em muitas instituições, como observado nesta pesquisa, as aulas de Arte são ministradas em salas de aula convencionais, originalmente projetadas para atividades expositivas e pouco adaptáveis às dinâmicas próprias da linguagem artística.

A Arte, por sua natureza, demanda um ambiente que favoreça a criação, o movimento, o uso de materiais diversos e, principalmente, a liberdade expressiva. No entanto, a limitação de espaço físico restringe o uso de técnicas como a pintura em grandes formatos, instalações, modelagem com argila, entre outras possibilidades que exigem ventilação, bancadas, pias, armazenamento de materiais e liberdade de circulação. Nessas condições restritas, tanto o professor quanto os alunos acabam limitados em sua atuação, o que pode comprometer o alcance dos objetivos formativos da disciplina.

Além disso, a ausência de um ambiente apropriado transmite, ainda que de forma simbólica, a ideia de que a Arte ocupa um lugar secundário no currículo escolar. Essa percepção pode desmotivar estudantes e desvalorizar o trabalho do professor, que precisa constantemente adaptar suas propostas criativas às limitações estruturais do espaço.

Apesar das adversidades, muitos educadores demonstram grande capacidade de

resiliência e inovação, buscando estratégias para realizar um trabalho significativo mesmo diante da precariedade. No entanto, é importante destacar que a superação individual não substitui a responsabilidade institucional do Estado e da gestão escolar em garantir condições adequadas para o ensino de todas as disciplinas, inclusive da Arte.

A organização do espaço escolar impacta diretamente na aprendizagem dos alunos. Ambientes visualmente atrativos, com materiais e equipamentos variados, despertam a curiosidade e o interesse dos estudantes. Em contrapartida, salas de aula sem recursos visuais, cores ou elementos lúdicos tendem a desestimular o envolvimento com os conteúdos. Por isso, Carvalho, Freitas e Neitzel (2014, p. 7) mencionam:

O espaço físico pode contribuir para que se fortaleça a produção a dinamização, a interação, a diversidade metodológica que promova a formação estética e artística dos/as estudantes. Interagir é, portanto, essencial para o/a aluno/a vivenciar, experimentar, refletir e expressar-se criativamente, tanto dentro quanto fora da sala de aula, [...] Entende-se que esse espaço deva estar diretamente ligado a todo o processo criativo e à sua relação com o conteúdo e com o objeto de produção. Daí a relevância de se pensar os espaços escolares, para que se constituam lugares diferenciados para a aprendizagem

Considerando que a escola é um espaço fundamental para a construção de conhecimentos que acompanham o indivíduo ao longo da vida, torna-se imprescindível que ela disponha de ambientes adequados para o ensino de Arte, de modo a favorecer efetivamente o processo de ensino e aprendizagem.

Outro aspecto relevante é a utilização inadequada dos horários destinados às aulas de Arte. Frequentemente, esses períodos são empregados para atividades voltadas à ornamentação do calendário escolar, como comemorações e eventos cívicos, o que banaliza e distorce o processo de ensino-aprendizagem. Essa prática, somada à ausência de materiais didáticos específicos para a disciplina e à falta de formação adequada de professores na área, configura um verdadeiro desperdício de tempo pedagógico, que poderia estar sendo investido em práticas artísticas significativas.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1997, p. 42),

(...) a questão central do ensino de Arte no Brasil diz respeito a um enorme descompasso entre a produção teórica, que tem um trajeto de constantes perguntas e formulações, e o acesso dos professores a essa produção, que é dificultado pela fragilidade de sua formação, pela pequena quantidade de livros editados sobre o assunto, sem falar nas inúmeras visões preconcebidas que reduzem a atividade artística na escola a um verniz de superfície, que visa

as comemorações de datas cívicas e enfeitar o cotidiano escolar.

As aulas de Arte devem possibilitar aos alunos o acesso a conhecimentos significativos e alinhados ao seu desenvolvimento crítico e sensível, indo além de propostas superficiais ou desconectadas da realidade escolar e cultural dos estudantes. É fundamental que a Arte não seja tratada como uma atividade meramente recreativa ou como espaço para preencher o tempo com tarefas que pouco contribuem para a formação integral dos alunos. Conforme observa Martins (1998):

[...] ainda é comum as aulas de arte serem confundidas com lazer, terapia, descanso das aulas “sérias”, o momento para fazer a decoração da escola, as festas, comemorar determinada data cívica, preencher desenhos mimeografados, fazer o presente do Dia dos Pais, pintar o coelho da Páscoa e a árvore de Natal (Martins, 1998, p.12)

Dessa forma, além da ausência de um espaço apropriado para a realização de atividades artísticas, existem também desafios de natureza pedagógica e teórica. Entre eles, destaca-se a importância de se repensar com urgência o lugar que a disciplina de Arte ocupa no ambiente escolar. É essencial que a escola reconheça a Arte como uma área do saber, com o mesmo valor das demais que integram o currículo. Garantir aos estudantes o acesso a esse conhecimento fruto da construção histórica da humanidade e em constante transformação é fundamental para sua formação crítica, criativa e cultural.

4. VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS E RESPEITO ÀS CULTURAS

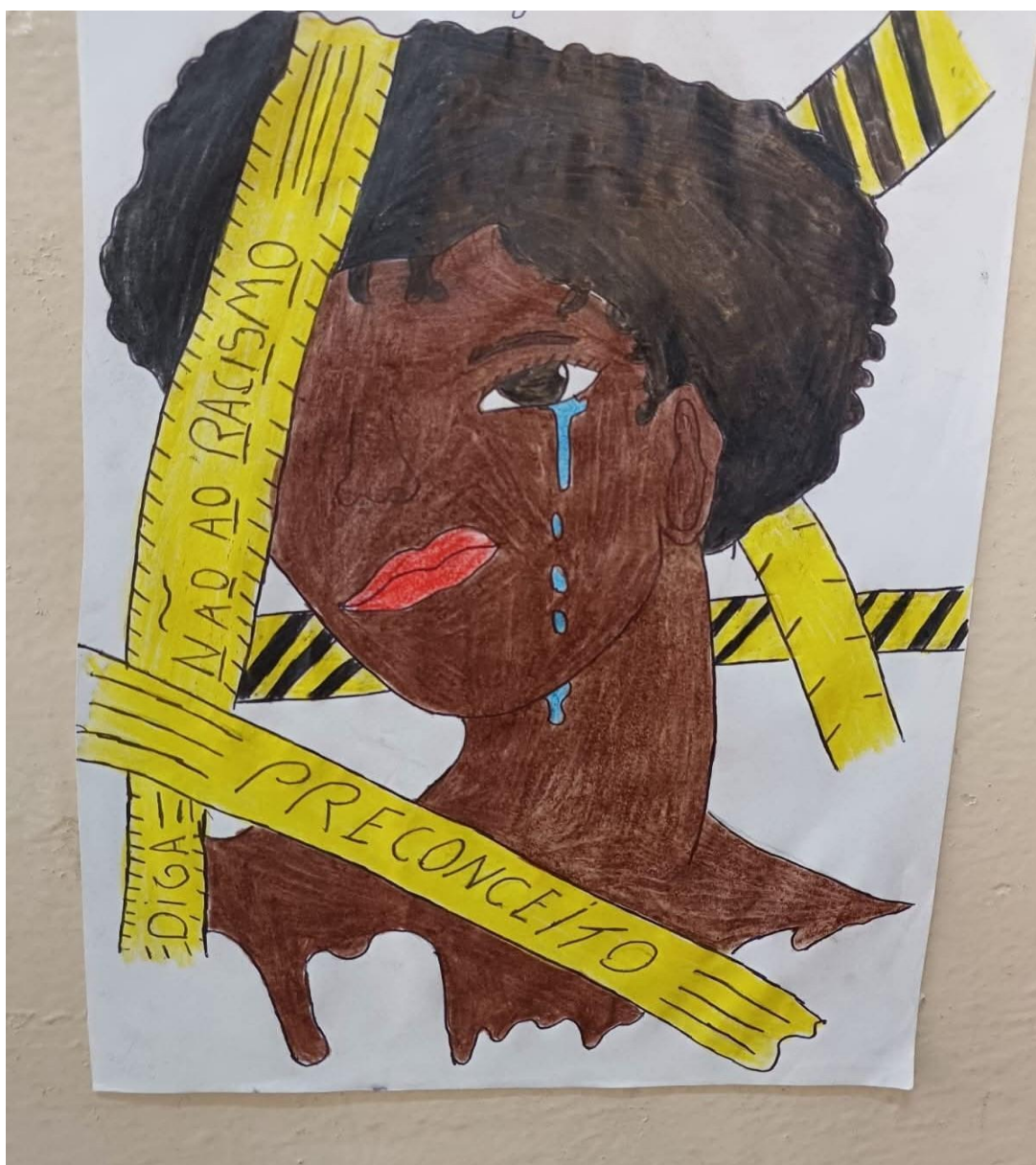
Durante o desenvolvimento de atividades artísticas no ambiente escolar, observa-se que o contato dos alunos com culturas diversas contribui significativamente para a superação de preconceitos, promovendo um olhar mais empático e respeitoso. Quando expostos às produções culturais de povos originários, os estudantes demonstram admiração por valores como o respeito à natureza, a coletividade e os saberes tradicionais. Nas atividades de releitura, muitos alunos que inicialmente apresentavam atitudes de zombaria ou preconceito mudaram sua postura, utilizando elementos culturais com interesse e cuidado, sem manifestações de estigmatização ou desrespeito. Tais experiências evidenciam o potencial transformador da arte no campo das relações humanas.

Essas vivências são especialmente importantes quando o conteúdo abordado inclui a cultura afro-brasileira. Momentos de partilha espontânea entre os estudantes revelam relatos de experiências pessoais de preconceito racial, demonstrando que a arte pode funcionar como um espaço de acolhimento, reflexão e valorização da identidade. Por meio dessas atividades, os

alunos passaram a desenvolver uma percepção mais sensível e respeitosa sobre questões relacionadas à cor da pele, ancestralidade e luta contra o preconceito.

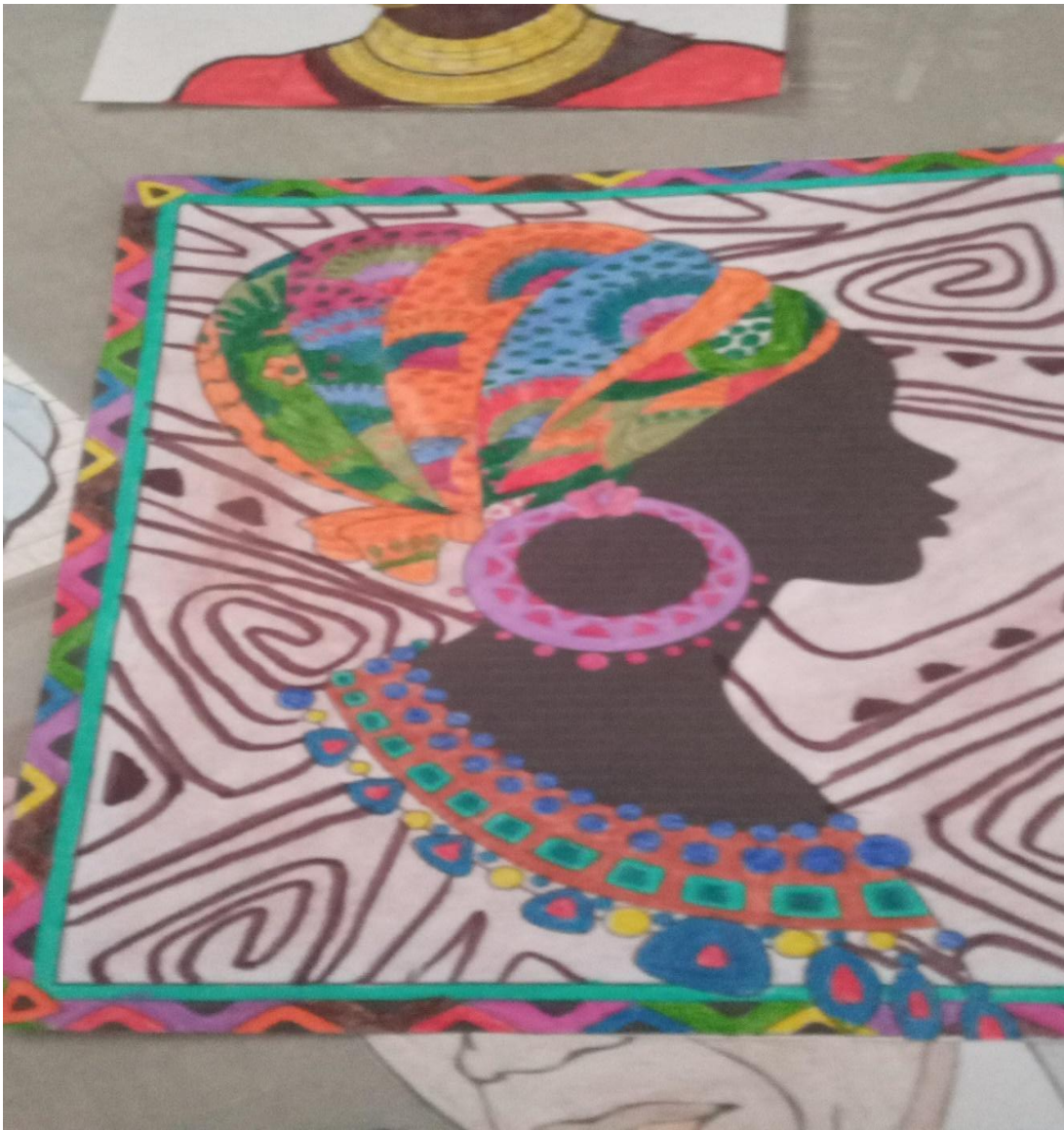
Assim, o contato com as diferentes expressões culturais, sobretudo as dos povos originários e afrodescendentes, promove uma transformação nos olhares e comportamentos dos alunos. A arte desempenha, portanto, um papel fundamental na construção de uma educação inclusiva, capaz de valorizar a diversidade cultural e contribuir para a formação de sujeitos críticos, empáticos e conscientes de seu papel social.

Figura 1- Imagem criada por aluno na semana da Consciência Negra.



Fonte: Arquivo da própria autora

Figura 1- Imagem criada por aluno na semana da Consciência Negra.



Fonte: Arquivo da própria autora

5. A ARTE COMO LINGUAGEM E EXPRESSÃO NO ESPAÇO ESCOLAR

No município de Cabo Verde/MG, conta com nove escolas públicas, que atendem desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, em todas essas instituições as aulas de Arte acontecem em salas de aulas comuns. A escola onde foi realizada a pesquisa não é diferente da realidade de outras escolas públicas, o ensino de Arte acontece em sala de aula regular, com falta de materiais adequados, o que compromete a realização de atividades práticas essenciais ao Componente Curricular. Diante dessa realidade, o professor precisa constantemente recorrer

à improvisação, utilizando materiais alternativos e estratégias criativas para viabilizar o processo de ensino. Essa situação evidencia a negligência institucional em relação à área de Arte, ao mesmo tempo em que destaca o esforço do docente em garantir, mesmo com recursos limitados, experiências significativas aos alunos. Durante a pesquisa ficou evidente o papel fundamental que esse espaço ocupa na rotina escolar, especialmente no que diz respeito ao acolhimento emocional e à construção de identidades.

A Arte, no contexto educacional, revela-se como uma linguagem singular, muitas vezes sendo o único meio pelo qual os alunos conseguem expressar sentimentos e pensamentos que não conseguem verbalizar em outras situações. Por meio do desenho, da pintura, da colagem e de outras formas de expressão artística, os estudantes compartilham suas dores, alegrias, vivências familiares, inquietações e sonhos, tornando visível aquilo que muitas vezes permanece oculto nas demais disciplinas.

Alinhado com a BNCC, foi realizada uma atividade para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, atividade com o nome **“O Que Têm Em Sua Mente”**, um autorretrato, através de pintura e recortes, de modo que o estudante pudesse demonstrar sobre sua cultura, identidade e sonhos. A atividade foi realizada com a utilização de pintura, colagens e outros materiais disponíveis na escola. Este trabalho proporcionou aos estudantes um espaço para expressão de ideias, sentimentos, identidade e pertencimento cultural.

O papel do professor nesta atividade foi de mediador, trazendo para os alunos a importância de reconhecer-se, valorizando sua história de vida, suas origens e a riqueza da própria identidade cultural. Ao atuar como facilitador do processo criativo, o professor de arte proporcionou um ambiente acolhedor e estimulante, onde cada estudante pôde expressar seus sentimentos, sonhos, desejos e também seus medos por meio da linguagem artística.

Nesse contexto, o educador não apenas orientou tecnicamente o uso dos materiais e técnicas, mas, principalmente, incentivou o diálogo e a escuta ativa, promovendo reflexões sobre a individualidade e o coletivo. Ele auxiliou os alunos a darem significado às suas produções, a compreenderem o valor simbólico do que expressam e como isso se conecta com sua vivência e com a diversidade cultural que os cerca.

Alinhado à BNCC, que valoriza o desenvolvimento integral do aluno, o professor teve um papel essencial na construção das habilidades socioemocionais, como a empatia, o autoconhecimento e a valorização da diversidade. Ao explorar o autorretrato como recurso

expressivo, possibilitou que os estudantes se vissem como sujeitos capazes de transformar sua realidade e de se posicionar no mundo com mais consciência, segurança e respeito por si e pelos outros.

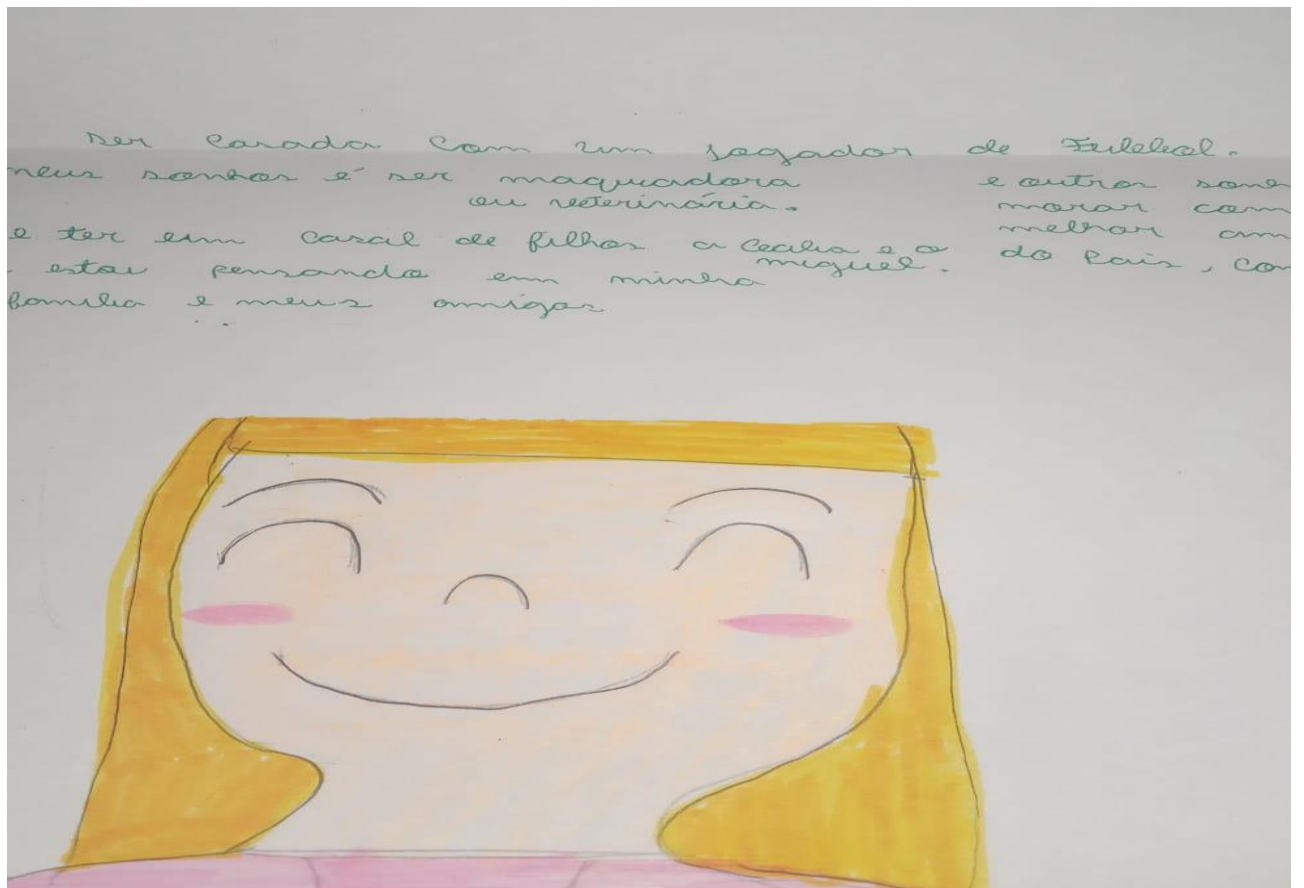
Durante a atividade, um aluno com transtorno do espectro autista, conhecido por seu comportamento muito reservado e por permanecer, na maior parte do tempo, isolado em seu próprio mundo, surpreendeu a todos com sua produção. Em seu desenho, ele representou um ambiente escuro e escreveu que se sentia "na escuridão" e que se via como "um monstro", explicando que acreditava ser assim porque as pessoas da turma não se aproximavam dele.

Esse momento foi profundamente significativo, pois a atividade de Arte possibilitou que o aluno expressasse emoções e sentimentos que até então eram invisíveis para os colegas e professores. A partir dessa manifestação artística, os demais alunos passaram a olhar para ele de maneira diferente, demonstrando mais carinho, respeito e buscando incluí-lo nas interações do grupo. Esse episódio mostrou, de maneira concreta, o poder da Arte como um canal legítimo de expressão subjetiva e como um importante instrumento de inclusão e construção de vínculos afetivos.

A experiência vivida com o aluno com autismo evidenciou como a Arte é um espaço privilegiado para promover a inclusão, a empatia e o respeito às individualidades. Esse mesmo princípio de respeito se amplia quando as aulas de Arte abordam a diversidade cultural presente na sociedade. Através das diferentes linguagens artísticas, os alunos passam a conhecer e valorizar as manifestações culturais de diversos povos, compreendendo que cada cultura carrega uma história, uma identidade e formas únicas de expressão.

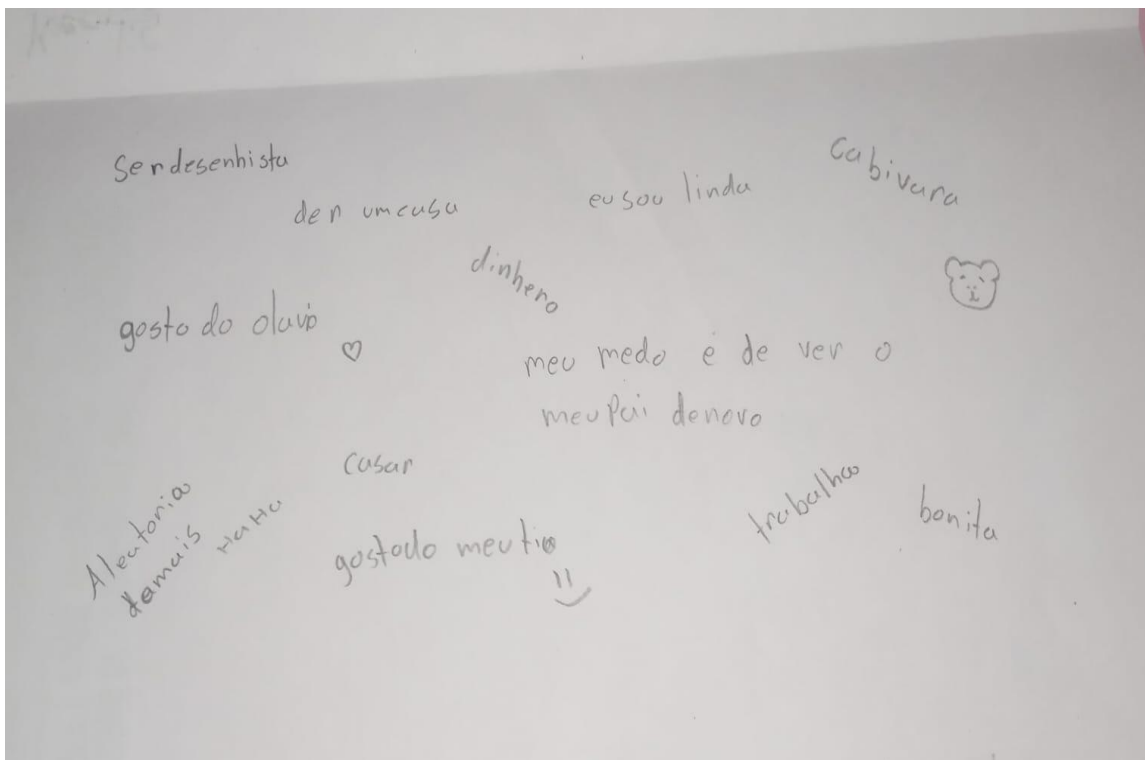
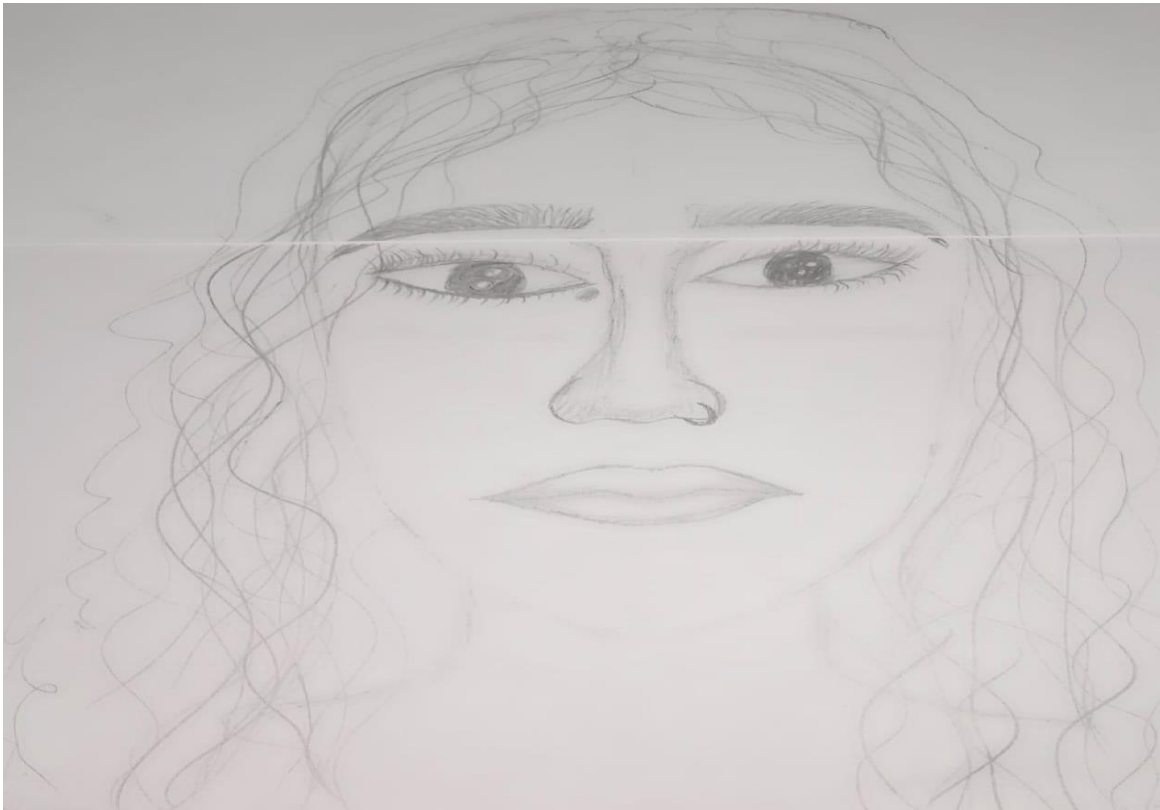
Observações como essa reforçam a importância da disciplina de Arte como espaço de escuta, acolhimento e liberdade criativa, onde os alunos se sentem mais à vontade para revelar suas emoções e aspectos importantes de suas identidades. Mais do que uma atividade estética, a Arte na escola se confirma como um território de pertencimento, transformação e desenvolvimento humano.

Figura 3- Autorretrato “o que têm em sua mente”



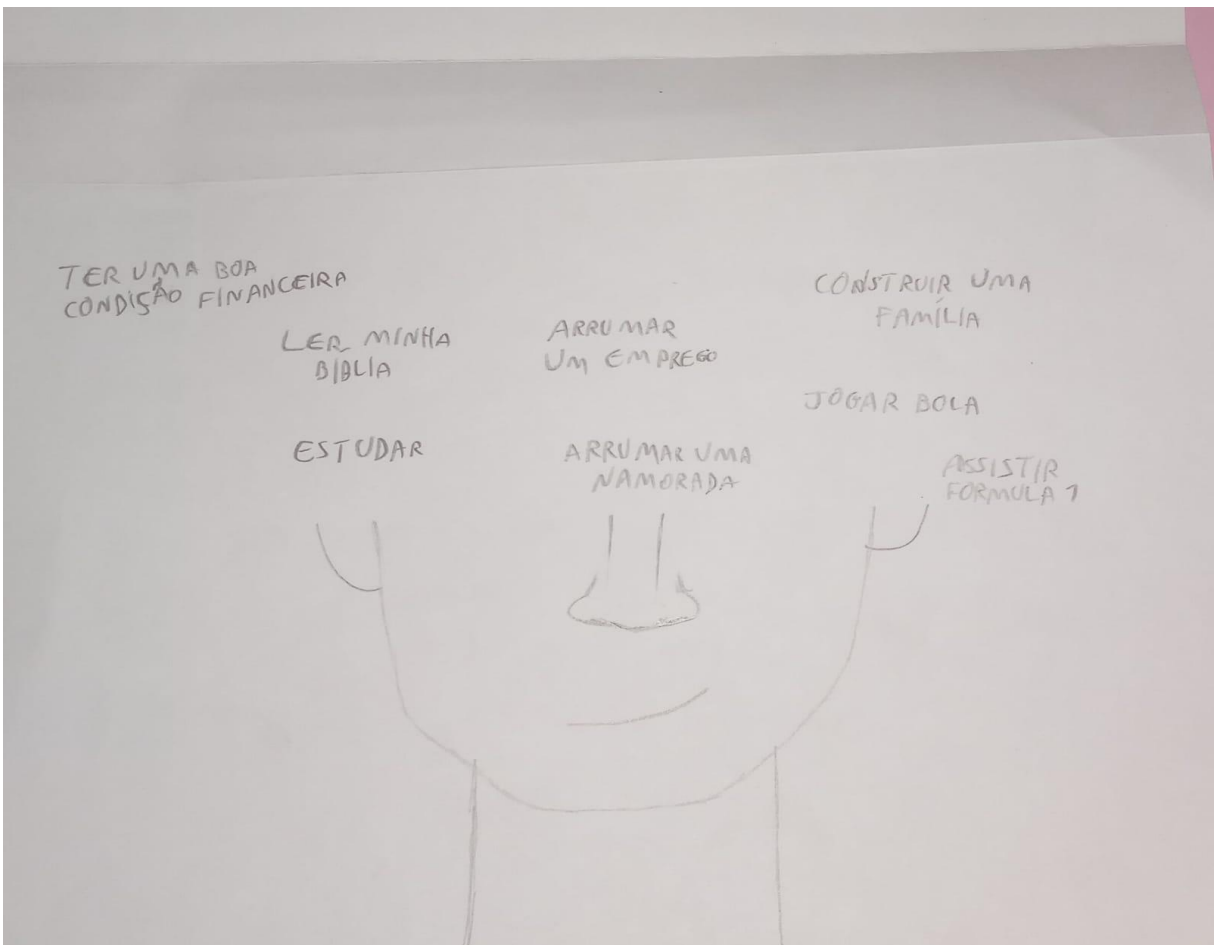
Fonte: Arquivo da própria autora

Figura 4- Autorretrato “o que têm em sua mente”



Fonte: Arquivo da própria autora

Figura 5- Autorretrato “o que têm em sua mente”

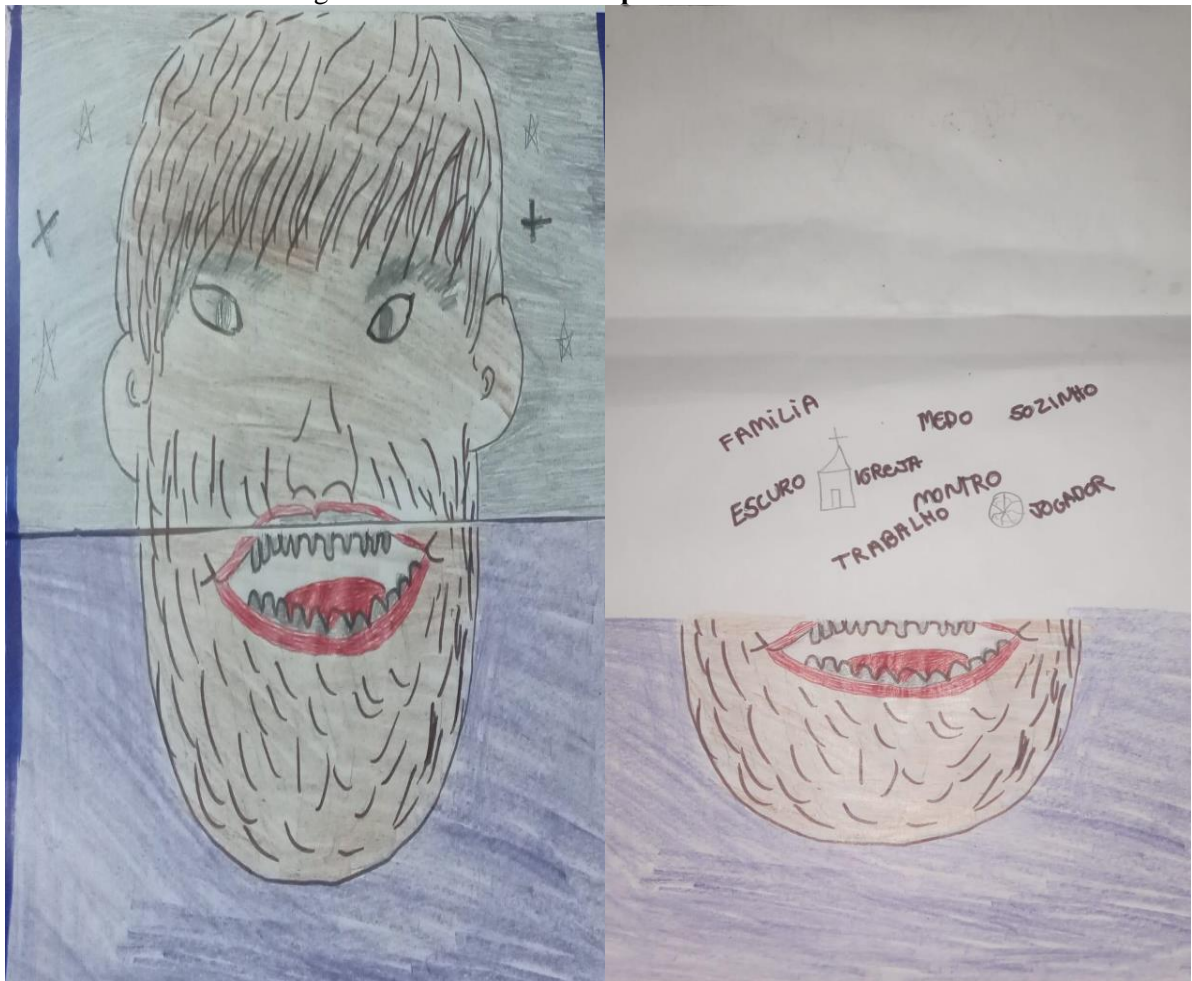


Fonte: Arquivo da própria autora

6. A ARTE COMO FORMA DE EXPRESSÃO SINGULAR

Durante as aulas de Arte, é comum observar que alunos que, em outros componentes curriculares, demonstram retraimento ou pouca participação, conseguem se destacar ao realizar produções artísticas. A Arte se apresenta como uma linguagem, que permite a expressão de sentimentos, pensamentos e aspectos da identidade que muitas vezes permanecem ocultos. Um exemplo marcante ocorreu durante a atividade cujo objetivo era representar a própria identidade através do desenho.

Figura 6- Autorretrato “o que têm em sua mente”



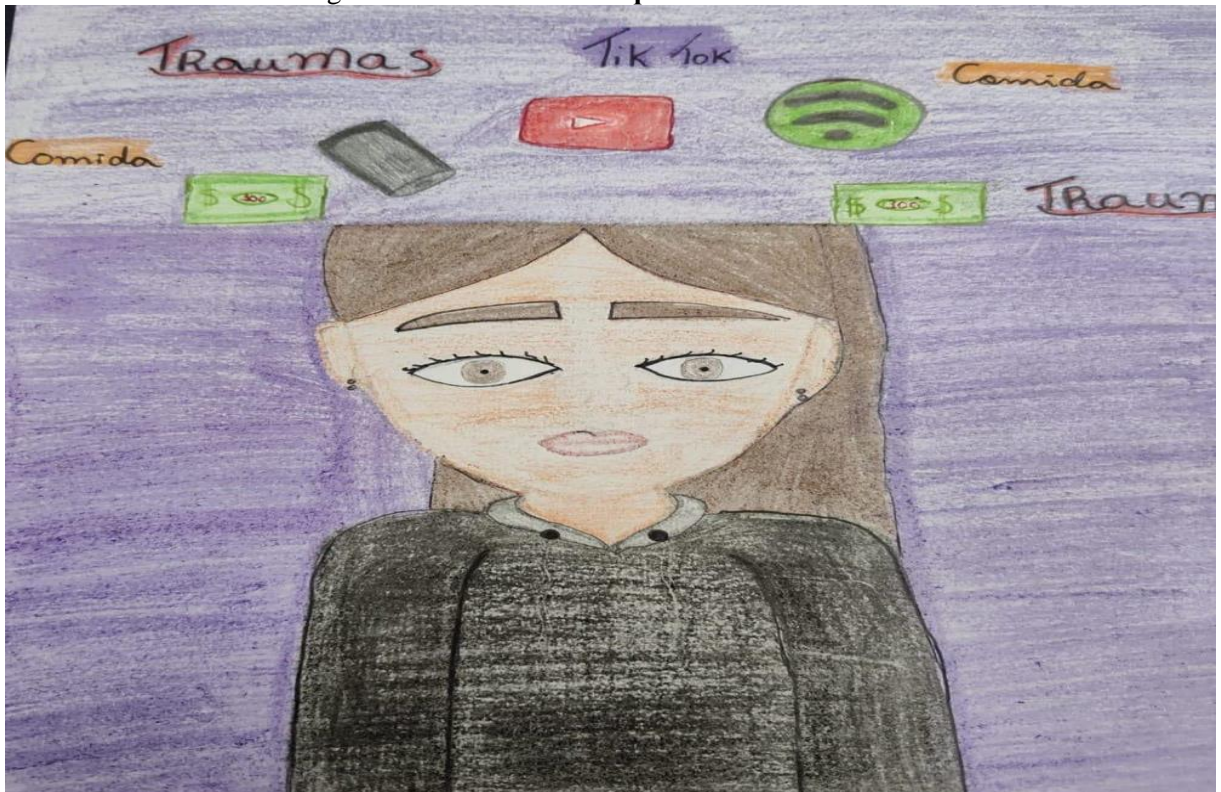
Fonte: Arquivo da própria autora

Figura 7- Autorretrato “o que têm em sua mente”



Fonte: Arquivo da própria autora

Figura 8- Autorretrato “o que têm em sua mente”



Fonte: Arquivo da própria autora

Figura 9- Autorretrato “o que têm em sua mente”



Fonte: Arquivo da própria autora

7.A ESCUTA SENSÍVEL E O RESPEITO ÀS EMOÇÕES DOS ALUNOS

O trabalho realizado reforça a importância da escuta sensível por parte do professor de Arte. Muitas vezes, o que parece ser apenas um desenho carrega mensagens emocionais intensas, representando pedidos de ajuda, desabafos ou mesmo denúncias silenciosas de sofrimento. Cabe ao educador estar atento a essas manifestações, acolhendo as emoções expressas e mediando ações que favoreçam o bem-estar emocional e a inclusão social dentro da sala de aula. Ao reconhecer o potencial expressivo de cada produção artística, o professor fortalece a autoestima dos estudantes e cria um ambiente seguro para que todos possam se expressar livremente.

A prática artística na escola não apenas estimula a criatividade, mas também promove vínculos afetivos e o respeito à diversidade cultural. O ambiente da aula de Arte se transforma em um espaço de liberdade criativa, onde cada aluno é incentivado a explorar suas emoções, memórias e referências culturais. Essa liberdade de expressão contribui para o desenvolvimento da autonomia, da empatia e da consciência social.

As aulas de arte permitem que os estudantes, por meio de desenhos, colagens ou

releituras, compartilhem aspectos importantes de suas histórias de vida, revelando sonhos, medos, relações familiares e até questões de pertencimento cultural. O exemplo do aluno com autismo ilustra bem esse processo: a atividade artística permitiu que ele comunicasse sentimentos que, verbalmente, nunca havia conseguido expressar.

8. EXPRESSÃO, AFETO COMO ELO NO PROCESSO EDUCATIVO

Nas aulas de Arte, esse princípio se concretiza por meio da escuta atenta do professor e da valorização das produções dos alunos como formas legítimas de expressão. A experiência com o estudante que relatava sentir-se isolado evidenciou como a Arte pode ser um espaço propício para que o aluno se manifeste e seja ouvido. Ao externalizar seus sentimentos por meio de atividades artísticas, a situação ganhou visibilidade no grupo, permitindo ao professor mediar reflexões e favorecer mudanças no ambiente escolar. Essa dinâmica ressalta o papel da Arte como linguagem que amplia as possibilidades de comunicação e participação dos estudantes, contribuindo para uma prática pedagógica mais sensível às necessidades individuais e coletivas da turma.

A partir desse contexto, compreende-se que o afeto, aliado à prática pedagógica, não é algo secundário, mas parte essencial do processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Freire (1996), o compromisso do educador vai além da transmissão de conteúdo: ele se revela no cuidado com o outro, na escuta, na ética e na responsabilidade com o crescimento humano dos estudantes. Para o autor, “a atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza” (Freire, 1996, p.160), e essa alegria, mediada pelo afeto, é indissociável da seriedade e do rigor necessários à prática educativa.

O afeto, portanto, não se restringe a gestos de carinho, mas se expressa em atitudes concretas de acolhimento, valorização e estímulo ao protagonismo dos alunos. Como Freire afirma, “o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento” (Freire, 1996, p.96), despertando interesse, curiosidade e sentido nas aprendizagens.

Essa perspectiva dialógica é fortalecida pelos estudos de Vygotsky (2007), que destaca o papel das interações sociais no desenvolvimento humano. O autor afirma que é na relação com o outro que o sujeito constrói conhecimento, sendo o ambiente social e afetivo determinante nesse processo. Assim, nas atividades artísticas coletivas, os alunos não apenas aprendem técnicas e linguagens visuais, mas também experimentam trocas afetivas, aprendem

a escutar, a cooperar e a se colocar no lugar do outro, habilidades fundamentais para a convivência e para a vida em sociedade.

Ana Mae Barbosa (2003) complementa essa visão ao defender a Arte como um campo de conhecimento legítimo, capaz de desenvolver a criticidade, a sensibilidade e a expressão da subjetividade. Para ela, o professor de Arte deve ser um mediador que possibilita ao aluno expressar seus sonhos, medos e desejos por meio da linguagem artística, reconhecendo sua identidade cultural e promovendo o pertencimento. Segundo a autora, “a imagem é fundamental no processo de ensino e aprendizagem da arte, pois é através dela que o estudante pode se expressar, interpretar e transformar a realidade” (Barbosa, 2003, p.14).

Portanto, a experiência relatada com o aluno isolado ilustra de forma concreta como o afeto e a Arte, quando articulados de forma sensível e consciente, tornam-se ferramentas poderosas de inclusão, escuta e transformação no ambiente escolar. O acolhimento às expressões artísticas dos estudantes, aliado à mediação pedagógica intencional, favorece o desenvolvimento não apenas cognitivo, mas também emocional e social, elementos fundamentais para uma educação integral e humanizadora.

Figura 9- Aula de pintura em sala de aula comum



Fonte: Arquivo da própria autora

Figura 10- Aula de pintura em sala de aula comum



Fonte: Arquivo da própria autora

Figura 11- Aula de pintura em sala de aula comum



Fonte: Arquivo da própria autora- trabalho de pintura compartilhada

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a importância da Arte no contexto escolar como prática pedagógica significativa, destacando seu papel no desenvolvimento da criatividade, da expressão subjetiva, das relações afetivas e da formação integral dos estudantes. Por meio de uma abordagem qualitativa, fundamentada em estudos teóricos e na observação de práticas em uma escola pública de Cabo Verde/MG, foi possível compreender como a Arte, quando intencionalmente integrada ao processo educativo, pode se consolidar como uma ferramenta transformadora da realidade escolar.

Os dados observados evidenciaram que, apesar das limitações estruturais, como a ausência de espaços adequados e a escassez de materiais, a atuação sensível e criativa do professor de Arte permite que os alunos vivenciem experiências expressivas e significativas. As aulas de Arte se mostraram espaços de escuta, acolhimento, construção de identidade e valorização da diversidade cultural, favorecendo o desenvolvimento de competências socioemocionais e fortalecendo os vínculos entre educadores e educandos.

A análise do percurso investigativo demonstrou que a Arte ultrapassa a função decorativa ou lúdica a ela comumente atribuída, assumindo um papel ativo na construção de saberes, na promoção da empatia e na formação de sujeitos críticos e conscientes. Quando tratada como linguagem legítima e integrada ao currículo de forma transversal, a Arte contribui para a criação de ambientes escolares mais criativos, democráticos e afetivos.

Para que o ensino da Arte seja verdadeiramente eficaz, é fundamental que ele transcenda a mera técnica, incorporando a dimensão afetiva, cultural e social no processo pedagógico. A atuação do professor como mediador sensível e comprometido, aliado a práticas que promovam a escuta e o protagonismo dos alunos, potencializa os benefícios da Arte na construção de uma educação integral e humanizadora. Assim, a prática artística escolar pode se consolidar como um espaço de inclusão, transformação e fortalecimento dos vínculos sociais, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, empáticos e culturalmente conscientes.

Dessa forma, conclui-se que o ensino da Arte deve ser valorizado como parte essencial de uma educação comprometida com a sensibilidade, a escuta e a transformação social. Garantir condições adequadas para sua prática e reconhecer seu potencial formativo não é apenas uma questão de política educacional, mas um compromisso ético com a formação plena de cada estudante.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Glorinha. **Educação Artística: primeiro grau**. São Paulo: Ática, 1980.
- BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2007
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional nº 9394, 20 de dezembro de 1996**.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte**. Brasília, 1997.
- BRASIL. **Parecer do Conselho Federal de Educação nº 540 de 10 de fevereiro de 1977**. Sobre o tratamento a ser dado aos componentes curriculares previstos no art. 7º da Lei nº 5.692/71. Brasília, 1977.
- BRASIL. *RNEL Catálogo Escolas Livres 2025* (vol. 2). Brasília: Ministério da Cultura, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/catalogo-re.../RNELCatalogoEscolasLivres2025V2.pdf>
- CARVALHO, Carla; FREITAS, Aline Amaral; NEITZEL, Adair de Aguiar. **SALAS DE ARTE: Espaço de Formação Estética e Sensível na Escola**. Santa Catarina, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. GUERRA, M.T.T. **Didática do ensino da Arte**. São Paulo: Editora FTD, 1998.
- VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.